

A BANALIDADE DO MAL NA OBRA FÍLMICA “HANNAH ARENDT”, DE MARGARETH VON TROTTA

Octávio A. Ferreira Soares ¹
Débora C. Santos e Silva ²

1 - Pesquisador. Graduando do curso de Letras do CCSEH/UEG. Atuante do grupo de pesquisa ARGUS-Estudos de Cultura, Linguagem e Comportamento/ Diretório CNPq.

2 - Docente do PPG-IELT. Professora do Curso de Letras do CCSEH. Líder do Grupo ARGUS/CNPq. Bolsista BIP/UEG

Resumo: O propósito deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a tese da *banalidade do mal*, teoria pensada, no início da década de 1960, pela filósofa alemã Hannah Arendt. Tal reflexão é feita a partir do filme *Hannah Arendt* (2012), dirigido por Margaretha von Trotta, que narra a vida da filósofa, à época do julgamento de Otto Adolf Eichmann, um SS-Obersturmbannführer (tenente-coronel) do alto escalão da SS nazista. Este estudo se dá na concepção da *banalidade do mal*, em Arendt (1999) e Tiburi (2014), frente às implicações na representação fílmica do momento sócio-político em que o texto aqui apresentado se insere. Sabe-se que uma obra cinematográfica pode ser didática, aliando-se, nesse sentido, às suas querências técnicas e estéticas. A metodologia aqui presente foi concebida a partir das reflexões desenvolvidas no Grupo de Pesquisa ARGUS, que investiga, entre os estudos de cultura, da linguagem e do comportamento, a possibilidade de humanização pela Arte, e exemplo de obras audiovisuais, como o cinema.

Palavras-chave: Hanna Arendt. Nazismo. Banalidade do Mal.

Introdução

Este trabalho apresenta reflexões sobre o filme *Hannah Arendt*, de 2012, dirigido por Margaretha von Trotta. O filme narra a biografia da filósofa/teórica política Hannah Arendt no momento em que a mesma escrevia os cinco artigos que deram origem ao livro *Eichmann em Jerusalém - Um relato sobre a banalidade do mal*. Este trabalho, portanto, se insere na análise do filme e suas implicações no entendimento de Arendt.

Neste sentido, o filme é um privilegiado objeto para investigação do conhecimento, sendo geralmente de mais fácil interpretação do que tratados filosóficos. Com efeito, a condição da obra fílmica, demonstra de forma didática o pensamento filosófico de uma das mais importantes pensadoras do século 20 sobre um acontecimento abismal da história da humanidade: o Nazismo. A relevância deste estudo se dá, portanto, nesta condição: da obra fílmica ser didática e fidedigna aos fatos históricos tratados, facilitando, assim, uma leitura do arcabouço filosófico de Hannah Arendt.

Material e métodos

O método de pesquisa usado foi o levantamento da biografia da filósofa, por meio da pesquisa bibliográfica sobre sua teoria, em especial, o livro *Eichmann em Jerusalém - Um relato sobre a banalidade do mal*, que, como supracitado, deu origem ao filme aqui analisado.

Semanalmente foram realizados encontros com o grupo de pesquisa ARGUS, conjuntamente com a coordenadora do projeto, Dra. Débora Cristina Santos e Silva, discutindo-se e realizando-se leituras sobre a figura da obra fílmica, seus desdobramentos pedagógicos e a teoria da interposição semiótica.

Resultados e Discussão

Em 1961, Hannah Arendt (filósofa alemã de origem Judaica) viaja para Jerusalém para cobrir o julgamento de Adolf Eichmann, nazista alemão, que, com o fim da segunda guerra mundial, foge para Argentina, mas é pego pelo Mossad (serviço secreto israelense), acaba sendo condenado à morte por enforcamento, em 1962, por sua função de organizar e mandar judeus aos campos de concentração, o que ficou conhecido como “solução final”:

O homem Eichmann era o perfeito instrumento para levar a cabo a “solução final”: organizado, regular e eficiente tal qual a empreitada de que ele estava encarregado. Na sua função de encarregado de transporte, ele era normal e medíocre e, no entanto, perfeitamente adaptado ao trabalho que consistia em “fazer as rodas deslizarem suavemente”, no sentido literal e figurativo. Sua função era tornar a “solução final” normal. [...] Eichmann representava o melhor exemplo de um assassino de massa que era, ao mesmo tempo, um perfeito homem de família. (SOUKI, 1998, p. 92)

Arendt escreve para a revista *The New Yorker* cinco artigos que dão origem ao livro *Eichmann em Jerusalém - Um relato sobre a banalidade do mal*. Porém, indo contra as expectativas da comunidade acadêmica e Judaica, Arendt não descreve Eichmann como monstro, mas como uma espécie de “assassinato administrativo”. Sobre isso a filósofa ressalta: “o problema de Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais” (ARENKT, 1999, p. 299).

Dado o cunho polêmico (e inovador) de seu pensamento, Arendt sofreu perseguições, inúmeras ameaças de morte e um pedido para que parasse de

lecionar na Universidade de Chicago, onde lecionava na época. No entanto, Arendt não se deixa levar pela pressão que lhe era colocada por ser acadêmica e judia (inclusive, a filósofa se considerava um judia secularizada – e nunca levantou questões de ativismo sionista). Afirmava, então, a filósofa:

Sempre entendi minha condição de judia como um fato inegável da minha vida e jamais pretendi mudar isso ou rejeitar tal condição. Nesse sentido, eu não “amo” os judeus, nem “acredito” neles: simplesmente pertenço ao judaísmo, naturalmente, para além de qualquer controvérsia ou contestação. (ARENDT apud YOUNG-BRUEHL, 1997, p. 299)

Há, na obra aqui comentada, cenas reais do julgamento, deixando a narrativa com aspecto de documentário, e conferindo mais verossimilhança à obra. Deve-se considerar que o fato da diretora usar imagens reais de Eichmann reitera a tese de Arendt, mostrando que, no pensamento da filósofa, Eichmann não é um monstro, mas um ser humano comum, não um louco, maligno e cruel como se esperava que fosse (TIBURI, 2014, p.35).

Há no filme um pouco da biografia de vida pessoal de Arendt. No entanto, o conteúdo teórico é o que de fato apetece, pois o pensamento da filósofa pode ser melhor compreendido. Neste sentido, o filme pode ser usado como uma introdução ao conceito da banalidade do mal, que é, segundo a própria filósofa, um conceito complexo, uma vez que

[...] o mal não se enraíza numa região mais profunda do ser, não tem estatuto ontológico, pois não revela uma motivação diabólica – a vontade de querer o mal pelo mal; o que aqui se revela é a superficialidade impenetrável de um homem, para o qual o pensamento e o juízo são atividades perfeitamente estranhas, revelando-se assim a possibilidade de uma figuração do humano aquém do bem e do mal, porque aquém da sociabilidade, da comunicação e da intersubjetividade. (ARENDT, 1999, p. 134)

Todas essas questões são tratadas de forma relativamente didática no filme de Margarethe von Trotta, o que pode fazer com essa obra fílmica se torne um “texto” gerador de debates de temas transversais como cidadania, meio ambiente, sexualidade, identidade, diversidade cultural, etc. Em princípio, todos os filmes – “comerciais” ou “artísticos”, ficcionais ou documentais – são veículos de valores,

conceitos e atitudes subjetivas, com a possibilidade de ir além deste enfoque. Neste sentido, o cinema é um ótimo recurso para discuti-los (NAPOLITANO, 2009, p. 20).

Considerações finais

O mal, na perspectiva de Arendt, não é profundo e pode ser entendido como banal, pois, por tal condição, é comum a todos. A filósofa entende que ele atinge as pessoas em diversos contextos culturais e não necessariamente em um regime genocida como o Nazismo.

O filme abordado neste trabalho retrata um período da história da humanidade em que os filósofos e livres pensadores foram colocados à prova, pois, após as duas guerras mundiais, o horror que foi visto, aliado ao potencial humano de destruição e autodestruição, trouxe à luz a necessidade de se (re)pensar temas metafísicos, por outras perspectivas. Era preciso reinventar o saber sobre o ser humano e desvendar sua complexidade. Sem dúvida, o pensamento de Arent representou uma importante contribuição.

Agradecimentos

Agradeço especialmente à professora Débora Cristina Santos e Silva pela contribuição em minha jornada intelectual e profissional. Agradeço ao grupo de pesquisa ARGUS, especialmente minhas queridas companheiras de pesquisa Giselle Oliveira e Caroline Alves.

Referências

- ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NAPOLITANO, M. Cinema: experiência cultural e escolar. In: TOZZI, D. (Org.) **Caderno de cinema do professor**: São Paulo: FDE, v.2, 2009.
- SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- SOUKI, N. **Hannah Arendt e a banalidade do mal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- TIBURI, M. **Filosofia Prática**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- YOUNG-BRUEHL, E. **Por amor ao mundo**: a vida e a obra de Hannah Arendt. Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.